

Elas são maioria, estudam mais e ganham menos

Mulheres ganham menos para exercer as mesmas funções dos homens; no Brasil, houve melhora, mas ainda é muito tímida

DA EDITORIA DE PROJETOS ESPECIAIS
especiais.destak@gmail.com

Pesquisas brasileiras dão conta de que as mulheres, além de serem maioria da população, são mais estudosas que os homens, ficando cerca de um ano a mais sentadas em bancos de instituições de ensino. No entanto, elas ainda ganham menos para exercer a mesma função dos homens e ocupam menos postos de trabalho.

Mas os privilégios masculinos também assombram outras sociedades, e as diferenças podem ser notadas em vários países pelo mundo. Estudos publicados em janeiro deste ano pela ONG Oxfam, com base em relatório do Fórum Econômico Mundial, apontam que será preciso 217 anos para que mulheres em todo o mundo tenham as mesmas oportunidades de trabalho e salário que os homens.

No Brasil

No Brasil, vem ocorrendo uma melhora muito discreta neste cenário, mas que, ainda assim, merece ser apontada. A participação da mulher no mercado de trabalho subiu 3% no período de nove anos. Em 2007, elas representavam 40,8% do mercado formal. Já em 2016, o número subiu para 44%. Os dados, do Ministério do Trabalho, são baseados em pesquisas do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (Rais).

Quase dez anos para um au-

mento de pouco mais de 3% não faz com que a percepção mude no dia a dia, ainda mais quando se tem que equilibrar atividades profissionais com as domésticas, enfrentar discriminação, muitas vezes apenas pelo fato de ser mãe, e ganhar um salário menor de quem estudou menos e faz a mesma coisa.

Quantas diferenças

Estudo da Fundação Getúlio Vargas joga luz sobre outra desvantagem que as profissionais brasileiras têm que enfrentar: quanto mais tempo investido em estudos e formação, maior é a desvantagem salarial em relação aos homens com a mesma formação. Não é incomum encontrarmos empresas que pagam salários muito maiores a cargos executivos quando ocupados por homens. A diferença pode chegar a 40% do salário.

Islândia é o país com maior igualdade de gêneros; Brasil aparece em 90º lugar

E a desigualdade não para por aí. A pesquisa da FGV mostra, ainda, que a diferença de remuneração entre homens e mulheres também varia com a idade. Aos 25 anos, as mulheres ganham 10% menos que os homens, mas aos 35 a diferença sobe para 20%. Quando a faixa de idade é de 40 anos, os homens ganham 22% mais que as mulheres. Daí pra frente, a diferença começa a diminuir novamente. Aos 50 anos, por exemplo, é de 18%.

Na Islândia

No início deste ano, uma lei aprovada na Islândia proíbe o paga-

mento de salários diferentes para homens e mulheres que exerçam as mesmas funções. Empresas privadas e agências governamentais com mais de 25 funcionários que não obtiverem certificação especial do governo sobre políticas de igualdade de remuneração serão punidas com multas. A meta da Islândia é acabar com a desigualdade salarial até 2020. Exemplo a ser copiado.

Relatório do Fórum Econômico Mundial colocou a Islândia como o país com maior igualdade de gênero no mundo. O Brasil ocupa a 90ª posição.

Em Hollywood

No ano passado, Hollywood entrou em ebulição quando vazou a informação de que Gal Gadot, a Mulher-Maravilha, teria recebido um valor 46 vezes menor do que o que recebeu o ator Henry Cavill para representar o Homem de Aço.

Mas a luta das atrizes da indústria americana de cinema não para por aí. A cena sobre salários tem sido ofuscada pelo drama dos inúmeros casos de atrizes que sofreram assédio sexual de diretores, atores e produtores. Movimento que, muito discretamente, também começa a surgir no Brasil.

